

Batismo: Pistas Pastorais dentro do Projeto "Rumo ao Novo Milênio"

Pe. Juventino Kesting
Professor de Teologia Pastoral

1. UMA QUESTÃO ABERTA

O advento do segundo Milênio desperta uma série de atividades na sociedade como um todo e de modo especial para o cristianismo, uma vez que a data refere-se diretamente a seu fato gerador: a encarnação do Filho de Deus no tempo e na história.

Há na psicologia humana e no simbólico do mistério existencial forte influência de datas significativas. Somos a geração que temos o privilégio de avaliar o final deste Milênio e abrir perspectivas para o novo que se aproxima. Talvez a expectativa seja maior do que o fato em si. O ser humano, no sonho e nas utopias, projeta sua vida para acontecimentos e datas. Pode ser um reflexo do substrato interior do ser humano na busca de explicações para suas interrogações existenciais.¹

Não há como negar o efervescer de iniciativas e expectativas que a humanidade vivencia no final deste Milênio. Se de um lado cresce a brecha entre os

detentores do saber, do ter e dos privilégios, em detrimento das grandes massas que se afundam na miséria e na exclusão social, essa mesma massa recria dentro de si o universo simbólico do místico, da busca

"Alguns eixos norteiam as práticas pastorais no final deste Milênio"

da significação existencial e do religioso. Essa tendência não pode passar incólume à análise pastoral, pois pode carregar dentro de seu bojo tanto um florescimento na busca de uma nova significação existencial à luz do mistério de Deus, como pode caminhar para uma alienação desencarnada diante do desafio da construção de uma nova sociedade, de um novo mundo, de uma nova relação entre as pessoas, etnias, e nações.

Dentro deste contexto situam-se as grandes iniciativas da Igreja no sentido de rever suas posturas, de reavivar a fé dos cristãos e de ofertar às gerações, no limiar do novo Milênio, uma Igreja evangelizadora, voltada para os grandes problemas da humanidade e para a construção de uma nova sociedade marcada pelos valores evangélicos.

2. O MILÊNIO QUE SE APROXIMA

Desde 1984, numa mensagem aos Bispos do Haiti, João Paulo II sonha com um novo projeto de evangelização para a Igreja. Naquela ocasião falava-se em "Nova Evangelização, novos métodos, novo ardor, novas expressões". Tudo isso ainda era um pouco abstrato, razão pela qual gerou interrogações. As palavras não produziram um efeito imediato nas práticas pastorais, mas o "espírito" dessas palavras provocou fatos geradores de uma retomada do compromisso evangelizador da Igreja e dos cristãos no mundo. Pulularam publicações, conferências, reflexões teológicas, avaliações, projetos.

No decorrer dos anos, nova linguagem faz parte do cotidiano das comunidades eclesiais e dos planos de pastoral. Linguagem da evangelização, de uma pastoral mais carregada de ternura, de mais oportunidade de experiência de Deus, mais centrada na Palavra de Deus.

Também na sociedade civil desponta uma nova linguagem: cidadania, igualdade de direitos entre a mulher e o homem, ecologia, direitos humanos, ética, saídas alternativas...

Percebe-se a passagem da pastoral enquanto militância, com um forte cunho social e por vezes árida de humanização, para um novo ardor evangelizador, centrado mais na pessoa, na acolhida, na visita, na ternura, no coração. Esta passagem não deixa de levantar alguns questionamentos, mormente na presença pública da Igreja na dolorida situação social em que as populações vivem.

Alguns eixos norteiam as práticas pastorais no final deste Milênio. O fato maior é a celebração dos dois mil anos do nascimento de Jesus Cristo. *Ele é o*

mesmo ontem, hoje e sempre (Hb 13,8). À luz deste acontecimento, como lembra João Paulo II, "os filhos da Igreja não podem deixar de reconhecer, com espírito aberto ao arrependimento, a condescendência manifestada, especialmente nalguns séculos, perante métodos de intolerância ou até mesmo de violência no serviço à verdade". Por isso "no limiar do novo Milênio, os cristãos devem pôr-se humildemente diante do Senhor, interrogando-se sobre as responsabilidades que lhes cabem também nos males do nosso tempo. Na verdade, a época atual, a par de muitas luzes, apresenta também tantas sombras".²

A carta apostólica "Tertio Millennio Adveniente" é base para a retomada do compromisso evangelizador da Igreja. Provoca e convoca. Ainda é muito cedo para uma averiguação mais precisa de todas as iniciativas que afloram em cada Igreja particular do mundo inteiro. Certamente há um florescer de projetos, de práticas e de compromissos. É bom lembrar que todo esse projeto não está desvinculado do Concílio Vaticano II, nem das grandes Conferências do Episcopado Latino Americano, nem das Diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), nem da caminhada histórica do Povo de Deus.

3. RUMO AO NOVO MILÊNIO

A 33ª Assembléia Geral da CNBB, de 10 a 19 de maio de 1995, aprovou as "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil". Pode-se salientar três aspectos inovadores:

1. A passagem da expressão "ação pastoral" para "ação evangelizadora". A princípio inquietou setores de pastoral. Alertou-se para a mudança de enfoque da caminhada histórica da Igreja no Brasil. As pastorais nas décadas de 70 e 80 marcaram presença significativa não só em âmbito de Igreja, mas na construção de uma mentalidade mais democrática, na valorização da cidadania, na lucidez em temas de ponta como o índio, negro, menores, terra, violência... citando alguns.

A memória histórica da Igreja não pode cair no esquecimento. É a base de todo o dinamismo de hoje. O próprio texto das Diretrizes elucida a compreensão e a abrangência dessa mudança. "Ação evangelizadora refere-se aos grupos de batizados que perderam o sentido vivo da fé, conduzindo a vida distante de Cristo e do seu Evangelho. Ação pastoral é a que se destina às comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, com testemunho do Evangelho e compromisso com a missão universal".³

"Todo batizado é um Evangelho vivo na Comunidade"

2. As exigências intrínsecas da evangelização. Desde 1966 a Igreja organizou a atividade pastoral em 6 dimensões. Essas abrangem os documentos básicos do Vaticano II. A partir das Diretrizes de 1995 as dimensões continuam. Elas são referenciais para a pastoral. A realidade, porém, exige novos passos. Hoje a realidade eclesial reclama uma "evangelização inculturada", pois o "Evangelho, no cotidiano de um povo, passa a expressar sua experiência de fé em sua própria cultura. Ela não é uma etapa prévia da evangelização, mas uma dimensão que a acompanha permanentemente. Deus está presente e atua em cada cultura".⁴ As exigências da evangelização requerem:

- o Testemunho de uma vivência comunitária através da partilha, da solidariedade, de celebrações vivas, do engajamento, da acolhida e do perdão.
- o Serviço como testemunho do amor gratuito para cada pessoa humana em prol da construção de uma sociedade mais justa e solidária, como empenho na luta contra a pobreza e a exclusão.
- o Diálogo, como respeito pelo ser humano na sua busca de respostas às questões mais profundas da vida, e respeito pela ação do Espírito em cada um.
- o Anúncio, como proclamação clara de que, em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida, para todos, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus.

3. Elaboração de um projeto evangelizador que foi aprovado na 34ª Assembléia Geral da CNBB, de 17 a 26 de abril de 1996. O "Projeto Rumo ao Novo Milênio", CNBB, nº 56, dedica o ano de 1997 a JESUS CRISTO, enfocando a virtude da FÉ e o sacramento do BATISMO.

4. POR QUE O BATISMO?

Há uma ligação intrínseca entre Jesus Cristo - fé e batismo. O seguimento de Jesus Cristo, a descoberta do fato salvífico de Jesus desperta no coração do seguidor uma atitude de fé. Uma adesão não só parcial, mas que envolve a vida, a existência, o coração, os projetos. O gesto simbólico de mudança, de conversão, de adesão realiza-se mediante o batismo. *Crede no Evangelho (Mc 1,15). Mas, depois que acreditaram em Filipe, que lhes anunciava o Evangelho e o nome de Jesus Cristo, homens e mulheres pediam o batismo (At 8,12). Eis aí a água. Que impede que eu seja batizado? - Se crês de todo coração, nada o impede. - Eu creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus (At 8,37). E mandou que fossem batizados em*

nome de Jesus Cristo (At 10,48).

O último diálogo de Jesus com os discípulos, nos evangelhos de Mateus e de Marcos, transcorre num clima de "crer e ser batizado". Reservam-se, no cotidiano da vida, as palavras mais significativas para serem proferidas na hora da partida. Quando um filho deixa o lar e vai em busca de estudo ou de trabalho, o pai e a mãe repetem em forma de síntese o conteúdo de longas conversas. É a hora do essencial. É a hora da linguagem do coração. É o conselho amoroso que brota do fundo do ser.

No contexto de pós-resurreição encontramos essa experiência de síntese: *Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo...* (Mc 16,15-16). *Ide, pois, ensinai a todas as nações e batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo... Eu estou convosco todos os dias* (cf Mt 28,19-20).

5. UM ATO OU UM MODO DE SER?

A experiência da Igreja Primitiva enfocava o batismo como um acontecimento decisivo na vida. Dentro do contexto sócio-cultural-religioso da Igreja nascente, o batismo incorria como "ruptura" do modo de ser, de viver. Era tido como "um novo nascimento" (cf Jo 3,5). Porém o batismo estava sempre ligado a uma dinâmica que incluía desde um processo de preparação, uma disposição interior de mudança de vida e conseqüente seguimento de Jesus Cristo, testemunhado e vivido na comunidade cristã, fé no Ressuscitado vivo e presente na comunidade cristã, até o testemunho eloqüente da fidelidade ao novo projeto de vida. Uma vez batizado, o cristão assumia o compromisso de irradiar a Palavra de Deus. Todo batizado é um Evangelho vivo na comunidade.

O essencial no batismo era a conversão (metanóia), isto é, o resultado do confronto existencial entre a vida da pessoa, com tudo o que ela envolve, e a proposta da fé cristã apresentada no processo dialógico no qual a Palavra anunciada aguarda o eco, a ressonância, a repercussão, o transbordamento em gestos concretos de vida, de compromisso e de testemunho.

O processo de conversão-adesão evocado pelo batismo requer um "novo modo de ser e de agir". Esses exemplos encontramos nos relatos de Lucas sobre a comunidade primitiva. Após o anúncio evangelizador de Pedro, testemunhando a fé no Ressuscitado, as multidões indagavam: *Que devemos fazer, irmãos?. Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para a remissão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo* (cf At 2, 14-39). Essa proposta da conversão e do batismo encaminhava para um processo comunitário de o cristão ser, ter e agir (cf At 2,42-47).

A Igreja dos primeiros séculos não centralizava as atenções sobre o "ato de batizar", mas sobre a preparação, sobre o processo interior de mudança de vida, sobre o testemunho e sobre o aprofundamento da fé após o batismo. Aos "neófitos", isto é, os recém-batizados, acolhidos de modo definitivo na comunidade, era oferecido um longo período de "mistagogia", que constava de aprofundamento sobre a vida cristã, a mensagem bíblica, os sacramentos, a comunidade, o testemunho e a iniciação nos mistérios cristãos. Esse processo dava condições para a fidelidade do compromisso assumido no batismo. O batismo apresentava-se como decorrência de uma opção que acarretava mudança de vida, testemunho, oração, caridade, especialmente com os pobres e viúvas, no compromisso com o seguimento, testemunho e vivência de Jesus Cristo numa comunidade cristã.

Todo esse conjunto evangelizador tinha como método e modelo o CATECUMENATO, que se propunha "lançar os fundamentos da fé, construir o edifício e prová-lo" (cf 1Cor 3,6-10) diante das perseguições, dos conflitos culturais e da "tibieza" do dia a dia.

6. A CRISE DO INSTITUÍDO

Não há como negar um certo clima de desconforto que a sociedade, também os cristãos, vivem em relação às instituições formais. Análises apontam essa realidade como um fenômeno da modernidade, como uma introjeção da subjetividade, como busca do transitório. Há verdades nesta afirmação. Mas na ótica pastoral é necessário um olhar mais profundo e abrangente. As instituições fundamentam suas razões em lógicas filosóficas e teológicas, de difícil acesso para o cotidiano do cristão. Por sua vez, a vida do povo segue os rumos da experiência vivencial a partir do cotidiano. Não há uma contradição interna, mas linguagens diferentes. A teologia do batismo fala em "renascer", em "vida nova", em "regeneração": por sua vez, o cotidiano expressa a força sacramental na vida, na proteção de Deus, na alegria pelo nascimento, na fraternidade entre familiares.⁵

Esta experiência do povo, de certa forma, foi pouco explorada pela pastoral. Não se pretende voltar a um batismo do senso comum, mas aproveitar dessa fonte como ponto de partida para a formação cristã das comunidades. A pastoral do

"A fé e a vivência religiosa no mundo moderno não seguem os caminhos da tradição, mas da opção"

batismo caminhou via teologia, e a compreensão do povo via existencial.

É comum, diante de um "longo" "curso de batismo", pais timidamente interpelarem o pároco com uma questão simplória para a Teologia, mas vital para os pais: "Padre, o neném está tão doentinho, quando o senhor podia batizá-lo?". A questão levanta um descompasso entre as razões teológicas e as razões existenciais. Será que o "ano dedicado ao batismo" não precisaria resgatar esse filão pastoral? O povo brasileiro pensa, raciocina e fala de forma linear. Por vezes a nossa pastoral usa a linguagem das decorrências circulares.

Há um fato rico de significação para a pastoral: o povo brasileiro católico busca o batismo, acredita no batismo e quer ser batizado. Mas nesta busca há um fosso entre o "querer" e o compromisso decorrente do querer. Dessa realidade brota a ação pastoral da Igreja. Partir do "querer" e iluminá-lo com o verdadeiro sentido do batismo, o seguimento de Jesus Cristo, a vida comunitária, e o compromisso com o Reino a partir do cotidiano compreensível do povo brasileiro.

7. TRADIÇÃO OU OPÇÃO?

Durante séculos a Igreja pautou a vivência cristã através da transmissão da fé familiar. A família era o berço, o ninho que acalentava a semente da fé. Nela a fé desabrochava e crescia. A família tinha como reforço a escola. Entre o saber e a ciência, a religião destacava-se como ponto unificador do processo educativo. A escola era extensão da família. Não é raro encontrar no passado próximo a figura do "professor" que assumia ao mesmo tempo o papel de catequista, de rezador e de líder moral da comunidade. A família e a escola buscavam modelarem-se na paróquia, centro irradiador da doutrina, das normas,

*"A teologia
pastoral de hoje
vincula o batismo
à missão"*

das informações, das celebrações, do controle da comunidade e da vida cristã das famílias.

Essa prática pastoral criava um estilo de vida e formava um cristão convicto, paroqui-

ano fiel, liberto de influências externas. A fé, os sacramentos, a vida cristã transmitia-se de pais para filhos num processo linear de vivência católica. Nascer nas famílias católicas era necessariamente buscar o batismo, instruir nos elementos básicos da fé e cumprir as exigências decorrentes da fé.

Esse modelo acontecia numa sociedade rural, por vezes isolada de comunicação e das novas idéias emergentes das cidades. A fé acontecia de maneira

espontânea, dentro de uma Teologia onde o cristão católico não tinha muitas oportunidades para se questionar sobre a própria vida e a própria experiência de fé.

As últimas décadas, porém, foram marcadas por rápidas mudanças em todos os campos e níveis da sociedade e da Igreja. O fenômeno da urbanização, acompanhado de rápidas transformações, gerou um descompasso entre a fé assumida de modo tradicional e as novas exigências do mundo atual. Também não se pode negar que o "encanto" do fato da maioria católica causou o desleixo de uma ação evangelizadora mais eficaz. A ação da Igreja não acompanhou as novas exigências advindas das conquistas do homem moderno, urbanizado, e deixou as massas populares comprimidas nas periferias sem um mínimo de estrutura religiosa.

À guisa de informação, em 1940, 27% da população era urbana e 73% rural. Hoje - dentro de apenas 50 anos - esses números se inverteram: 74% da população é urbana e 26% rural.⁶ Apesar dessas mudanças, as estruturas eclesiais permaneceram basicamente as mesmas.

A fé e a vivência religiosa no mundo moderno não seguem os caminhos da tradição, mas da opção. Este é o dado novo para a pastoral. É preciso educar a fé como uma opção de vida, como uma decisão de seguimento de Jesus Cristo, sem desmerecer a tradição familiar. No mundo moderno, urbanizado e secularizado, a vivência católica se solidifica na medida em que a pessoa e as comunidades expressam a fé como fruto de uma opção consciente e não meramente como uma tradição. Eis aqui um novo desafio pastoral. Como dinamizar a pastoral do batismo de tal modo que seja capaz de alimentar, na fé, o homem urbanizado?

No mundo urbano é preciso aprender da experiência de Paulo. Ele foi ao Areópago de Atenas munido de "sabedoria", de raciocínios lógicos, de argumentos convincentes. Diante do relativo fracasso, parte para Corinto, revendo seus métodos evangelizadores. *A minha palavra e a minha mensagem não se baseiam em discursos persuasivos de sabedoria, porém na manifestação do Espírito e de seu poder, para que a vossa fé não se funde na sabedoria humana, mas no poder de Deus (1Cor 2,4-5).*

8. SALVAÇÃO OU MISSÃO?

Há no substrato religioso das comunidades cristãs uma forte tendência para a ligação primordial do batismo com a salvação e o pecado original. Essa foi sem dúvida a insistência maior da Igreja após o Concílio de Trento (1546-1563) e se tornou uma prática fundante da pastoral do batismo. Não há um erro teológico. Pelo contrário, é uma verdade teológica. Mas é preciso ler essa prática dentro de um con-

texto histórico de pós-Reforma. Alguns acontecimentos históricos obrigavam a Igreja a centralizar a pastoral na exatidão das fórmulas, na clareza dos efeitos e na propriedade da matéria dos sacramentos. Esta prática marcou profundamente a teologia e a pastoral do batismo.

As famílias cristãs, impulsionadas por algumas exigências morais e canônicas, ao nascer uma criança, buscavam de imediato o batismo, por três razões:

- a) Desafogo da consciência: o falecimento prematuro da criança evitaria aos pais o peso de carregarem, no decurso da vida, uma sensação de condenação por terem um filho no obscuro "limbo".
- b) A pressão social e religiosa forçava os pais a buscarem mais rapidamente possível o batismo, para não ficarem excluídos da comunidade ou serem motivos de comentários.
- c) A própria vivência da fé. A família tradicional católica buscava o batismo por motivos religiosos. Os pais queriam, e legitimamente, que os filhos vivessem a fé, seguissem os princípios da Igreja, e na vida participassem das práticas da fé católica.

Os extremos são sempre perigosos. Insistindo-se na dimensão da necessidade inquestionável do batismo como essencial para a salvação, descuidou-se da dimensão do batismo como missão. Foi a teologia do Concílio Vaticano II (1962-65) que resgatou esta dimensão. A teologia das "sementes do Verbo" ultrapassou o enquadramento único do batismo como caminho de salvação. As "sementes do Verbo" estão espalhadas pela face da terra e toda criatura que de coração reto e sincero busca a Deus no âmago de sua consciência, mesmo por caminhos diferentes, encontra a salvação.

A teologia pastoral de hoje vincula o batismo à missão. A exemplo de Jesus que, depois de batizado, *dirigiu-se para a Galiléia. Pregava o Evangelho de Deus, e dizia: Completou-se o tempo e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos, e crede no Evangelho* (Mc 1,9-15).

A grande motivação do "Projeto Rumo ao Novo Milênio" é a de centralizar a vida do cristão em Jesus Cristo, numa atitude de fé a partir do sacramento do batismo. Todo batizado, como opção de vida é chamado a ser evangelizador. Evangelizar é a palavra-chave que resume toda a ação de Jesus e conseqüentemente a ação do seguidor de Jesus Cristo. "Só evangeliza quem aceita e segue o caminho de Jesus. 'Vem e segue-me' é o convite fundamental que o Senhor continua fazendo a todos que querem participar da aventura do Reino. Assumir permanentemente a missão evangelizadora é, para todas as comunidades

e para cada cristão, a condição fundamental para perseverar e reviver o clima pascal de alegria no Espírito que animou a Igreja em seu nascimento e a sustentou em todos os grandes momentos de sua história".⁷

Assumir a missão de batizado é uma necessidade que se impõe em decorrência do seguimento de Jesus. *Ai de mim se eu não evangelizar* (1Cor 9,16). A missão do cristão "não envolve apenas gestos sacramentais, dentro da comunidade cristã viva que celebra o mistério do amor de Deus em Cristo, mas também a promoção da justiça e da libertação; ela deve constituir não apenas um caminho que vai da comunidade cristã para o mundo, mas deve ser um acontecimento no mundo, dentro do qual Deus continua sua obra salvífica, para a vida da Igreja"⁸.

Nesta perspectiva, a missão do batizado consiste em "percorrer o mesmo caminho de Jesus, com humildade e confiança, a fim de comunicar aos homens a salvação, plenamente manifestada no Filho, morto e ressuscitado".⁹ Em vista disto, a mais fundamental atitude do batizado é tornar-se discípulo de Jesus Cristo na comunidade cristã.

A nova prática da pastoral do batismo, mais do que repassar conceitos teológicos ou instruções sobre a dinâmica deste sacramento, reside em despertar no coração da comunidade o compromisso cristão em vista da missão. Sem missão, o batismo torna-se um rito vazio. Batismo, seguimento de Jesus Cristo, testemunho de vida comunitária, compromisso com a justiça e a solidariedade, e missão, caminham juntos. A reflexão pastoral é convicta de que afora a graça de Deus

que atua onde e como quer, não haverá uma renovação intrínseca da Igreja se não houver uma mudança substancial na dimensão do batismo. No entender pastoral, essa mudança implica em trabalhar pastoralmente o batismo como seguimento de Jesus Cristo, como opção de vida, como missão de evangelizar e como compromisso de cristãos no mundo, na construção do Reino.

9. EU CREIO, NÓS CREMOS

A pastoral do batismo nos remete para uma questão por vezes não devidamente clara: "Eu creio" ou "nós cremos"? É bom lembrar que, no período anterior ao Concílio Vaticano II, o enfoque tendia para a dimensão individual da fé. No período pós-conciliar tem-se insistido fortemente no compromisso comunitário. Essa insistência tem validade e significado. A fé não é apenas um ato individual, mas a profissão de fé precisa incidir no comunitário, nos

compromissos do cristão na construção da história e na vivência dos valores cristãos.

"A fé é primeiramente uma adesão pessoal do homem a Deus; é ao mesmo tempo, e inseparavelmente, o assentimento livre a toda a verdade que Deus revelou" ¹⁰.

Apesar de tudo, o ato primeiro da fé configura-se na adesão pessoal a Deus. Por vezes a prática pastoral enfatizou em primeiro plano "a verdade que Deus revelou". Ora como crer numa verdade, se não há a experiência de adesão Àquele que é a origem da verdade? Aqui situa-se a base de uma certa crise da fé. Enfocou-se demasiadamente a "verdade" pondo em segundo plano a "adesão". São Paulo bem expressa esta realidade: *Sei em quem acreditei* (2Tm 1,12). O verbo "sei" não é um mero conhecimento intelectual, mas é uma experiência vivida, sentida e internalizada. A aceitação da verdade é uma decorrência da aceitação da pessoa. A fé abre os olhos do coração para uma compreensão viva do projeto de Deus. Santo Agostinho afirma: "Eu creio para compreender, e compreender para melhor crer" ¹¹.

Entretanto, "a fé não é um ato isolado. Ninguém pode crer sozinho, como ninguém pode viver sozinho. Ninguém deu a fé a si mesmo, como também ninguém deu a vida a si mesmo. O crente recebeu a fé de outros, deve transmiti-la a outros" ¹².

"Eu creio", esta é a fé da Igreja, professada pessoalmente por cada crente. Para o cristão confessar "eu creio", é preciso que esta fé seja uma opção pela pessoa de Jesus Cristo. Uma opção é um processo que se trabalha interiormente até ficarem claras as razões da opção. Afirmar "eu creio" é experienciar no cotidiano da vida a pessoa de Jesus Cristo, o projeto do Reino, como algo pessoal.

Mas o cristão não pode parar no "eu creio". O seguimento de Jesus Cristo é um projeto comunitário. Quando uma assembléia está reunida, ela professa: "nós cremos". Mas o ato de fé do crente não pára no enunciado, mas deve chegar até à realidade do enunciado. Daí surgem as formulações da fé ou "profissões de fé".

Na esfera pastoral é fundamental redescobrir toda a dinâmica da fé. Não há como negar um certa crise da fé, especialmente no mundo urbano, nas sociedades modernas. Esta crise advém em parte porque insistiu-se demasiado no conhecimento da fé, nas formulações, nos enunciados. Ora, as formulações atuam no nível do conhecimento. A experiência da fé ultrapassa o mero nível racional. A fé precisa ser trabalhada como uma experiência vital de adesão à pessoa de Jesus Cristo e ao Reino. É da experiência de seguimento, de escuta de Jesus Cristo, que o crente pode professar: "eu creio", "nós cremos".

Com o avanço das ciências comportamentais, das tecnologias e da informática, o mistério profundo da existência perde as suas evidências. A origem,

fundamento e significado das coisas e do existir já não são explicados a partir do Absoluto, mas em decorrência das descobertas humanas. Os adultos ainda têm um substrato religioso capaz de equilibrar a vida cristã frente às grandes interrogações, mas as novas gerações entram numa roda viva de interrogações e de explicações cujo bojo não é mais o Absoluto, mas o empírico. Daí todas as coisas perdem a evidência. E quando tudo perde a evidência, o vazio existencial clama por significação. O desejo de significação delimita-se como a mais profunda busca do ser humano.

Nesta perspectiva, a Igreja tem grande responsabilidade no final deste Milênio. Há no mistério da Revelação uma resposta para as angústias existenciais: "a fé em Deus, revelado em Jesus Cristo e manifestado pelo Espírito". É a verdade mais profunda da história. Porém, nem sempre a Pastoral encontra ou busca meios para que essa resposta chegue aos corações da humanidade.

10. DESAFIOS PASTORAIS

Neste final de Milênio, toda a ação pastoral necessita de uma esclarecida avaliação para que aflorem algumas mudanças de curso. De forma indireta no início da década de 90, os setores pensantes da Igreja já propuseram a retomada de uma maior incidência sobre a evangelização. Nos anos pós-conciliares a pastoral pautou pelos caminhos da macro-estrutura. Essa opção trouxe resultados animadores mormente no que se refere aos com-

"O cristianismo de tradição tende a se enfraquecer no mundo urbano"

promissos da fé na construção da história, na implantação dos sinais do Reino e na dimensão social. Os novos ventos empurram para uma dimensão mais profunda da fé. Ela não é só um dado comunitário, mas é fundamentalmente um ato pessoal.

Entre os novos determinantes do mundo moderno afluem a subjetividade, a significação existencial da vida, o desejo de mais realização, de felicidade. De certa maneira, o homem e a mulher hodiernos vivem afogados dentro de si na busca de significação. Nesta busca entra o dado religioso. O sentido da vida, da dor, do sofrimento, da morte, da rapidez dos anos de vida, despertaram no íntimo das pessoas interrogações existenciais. Nestas interrogações a pastoral tem uma contribuição decisiva. Por mais que o ser humano lute e conquiste as coisas, sente-se vazio, se não tiver uma resposta mais profunda de significação existencial. Esta resposta provém da fé, do sentido de Deus na vida.

O primeiro passo situa-se na passagem do nível nocional para o nível existencial. As noções de **Jesus Cristo**, da **Fé**, do **Batismo** não respondem ao anseio existencial. A pastoral há de oferecer condições para que os cristãos façam uma verdadeira experiência cristã. Experiência que atinja a raiz vital do ser humano onde a fé, os compromissos do Batismo e o seguimento de Jesus Cristo preencham o viver e respondam às razões do existir. Isto requer a passagem das formulações teológicas para uma experiência existencial, iluminada pela Palavra de Deus.

Em decorrência da primeira observação, a pastoral precisa trabalhar profundamente a passagem da fé, do batismo, do ser cristão como um dado cultural e familiar - em decorrência do nascimento numa família cristã e num país católico - para o seguimento de Jesus Cristo como uma opção. O cristianismo de tradição tende a se enfraquecer no mundo urbano. O cristianismo vai ter sentido e será um fermento na massa quando os cristãos, no mundo moderno, descobrirem o significado da opção. Isto requer novos métodos evangelizadores, novas posturas pastorais e novas maneiras de o cristão fazer uma verdadeira experiência de fé numa comunidade.

Um constitutivo inquietante na expressão da fé é a linguagem. Por vezes usamos demasiado uma linguagem circular e abstrata. Linguagem essa que não entra no cotidiano das comunidades cristãs. Os cristãos começam a sentir um certo cansaço frente às múltiplas estruturações da fé, da comunidade eclesial, das normas e exigências. **Por vezes gastamos mais tempo no jurídico e no institucional do que no anúncio do evangelho, na presença, na escuta, na orientação de tantos corações despedaçados.**

É urgente a mudança de enfoque da pastoral do batismo. O batismo está vinculado à salvação. Não se quer negar nem questionar esta verdade de fé. Mas o que se pretende é investir mais na dimensão da missão. As comunidades cristãs experimentariam um novo Pentecostes se sentissem com mais clareza a dimensão da missão do batismo.

O mundo moderno comunica a mensagem através da linguagem simbólica. Por sinal, os símbolos estão em alta nas filosofias de vida, nos movimentos religiosos autônomos. O mundo hodierno é marcado pelo simbólico, pelo emocional, pela corporeidade, pelo gestual. Isto não é novidade. A tradição bíblica e a prática de Jesus estão intimamente ligados ao gestual: "Tocar, inclinar, levar à parte, estender a mão, impor as mãos, caminhar junto, lavar, apresentar-se, subir a montanha...". A Igreja tem, no percurso de sua história, um riquíssimo arsenal de simbologia. Na prática, a simbologia foi-se encolhendo num batistério de fundo de igreja, o círio pascal nos batizados desapareceu, a vela acesa atravessa anos, o óleo reduziu-se a um sinal imperceptível, a água, a algumas gotas, a veste branca, a um pano amarrotado. A redescobrir

ta do sentido do batismo como missão requer um reavivar da simbologia. Não só no nível da melhoria estética do batistério, mas no uso cotidiano e visível dos símbolos do batismo.

Outro desafio pastoral situa-se nos chamados "casos difíceis". Quantas dores, azedumes, decepções, lágrimas, de homens e mulheres, solteiros e casados, que precisam fazer verdadeiros malabarismos e longas caminhadas humilhantes e até enfrentar tribunais públicos nas secretarias das comunidades, na busca de um sacramento. Não se pretende um nivelamento. Mas o que se insiste é na misericórdia. A pastoral precisa ser mais misericordiosa do que jurídica. Afinal Jesus disse: *Não vim chamar os justos, mas os pecadores* (Mc 2,17). O bom pastor é "aquele que deixa as noventa e nove ovelhas no redil e vai em busca daquela que se perdeu" (Mt 18,12). Este é o novo desafio pastoral neste final do Milênio: ir ao encontro das multidões que se afastaram ou se decepcionaram com a comunidade cristã. **É importante perceber que as grandes multidões não perderam a fé, mas perderam a convivência comunitária em decorrência da superficialidade pastoral ou do excesso de normas e implicações.**

A pastoral dos sacramentos precisa adentrar no caminho da evangelização. São quase 30 anos de pastoral do batismo. O que mudou? O novo significado passa não como uma obrigatoriedade normativa, mas quando a pastoral estiver integrada num processo de evangelização de adultos, numa perspectiva de seguimento de Jesus Cristo e missão na comunidade eclesial.

NOTAS

¹ PIAZZA, W. O., *Introdução à Fenomenologia Religiosa*, ed. Vozes, Petrópolis, 1983

² JOÃO PAULO II, *Tertio Millennio Adveniente*, n° 35, ed. Paulus, SP, 1994

³ CNBB, *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*, doc. n° 54, ed. Paulus, SP, 1995, pg. 7

⁴ Idem, n° 56

⁵ CODINA, V. e IRARRAZAVAL, D., *Sacramentos de Iniciação*, ed. Vozes, Petrópolis, 1988, pgs. 46 a 74

⁶ Dados do IBGE, 1990

⁷ CNBB, op.cit. n° 9

⁸ Idem, n° 65

⁹ Idem, n° 68

¹⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, ed. Vozes, Petrópolis, 1993, n° 150

¹¹ Idem, n° 158

¹² Idem, n° 166

Endereço do Autor:

Caixa Postal 5073
88040-970 FLORIANÓPOLIS SC